



FAUST

Capítulo VIII: Euphorion e a Queda do Ideal

PT

Da união impossível entre a fome moderna e a perfeição clássica, uma criança irrompe em existência — e se consome, provando que a síntese que Fausto buscava não pode subsistir na atmosfera que a engendra.



O menino irrompe na existência como se convocado do próprio mito — Eufóron, filho de Fausto e Helena, nascido não de carne mas do próprio ímpeto da poesia. Ele é febre brilhante feita manifesta: todos os membros mercuriais e intelecto crepitante, uma criatura que não pode permanecer imóvel porque a imobilidade significaria morrer. Seus olhos contêm uma semivisão de algo maior do que o mundo pode conter — ambição sem âncora, gênio sem misericórdia. Há beleza nele, sim, mas também ameaça: a ameaça de uma força que não reconhece limite, não respeita fronteira alguma. A criança ri, mas sob o riso corre uma corrente que os gregos antigos reconheceriam instantaneamente. Uma intensidade tão pura não pode perdurar. Um espírito tão inflexível inevitavelmente colidirá com o mundo inflexível. Neste momento, antes da queda, ele é apoteose — a prova viva de que mortais podem dar à luz algo divino. Mas a divindade, como os antigos sabiam, nunca foi concebida para longa residência entre nós.



Euphorion, aquela criança maravilhosa nascida de Fausto e Helena, ascende — não lentamente, não com a obediência dócil das coisas presas à terra, mas com a urgência fervorosamente ascendente de um espírito que vislumbrou o ilimitado e não pode suportar contenção. Suas asas, forjadas do desejo e de sonhos impossíveis, dissolvem-se em fumaça e cinza. Abaixo, seus pais observam em horror impotente enquanto a beleza completa seu arco e se quebra contra a pedra. O rapaz que encarnava a fusão da perfeição clássica e da paixão humana não pode sobreviver à polaridade extrema de sua própria magnificência. Sua imaturidade como ser mortal, sua incapacidade de conter as vastas energias que o animam, o trai. Na terrível clareza da queda, Fausto compreende: nem toda aspiração rende transcendência. Algumas aspirações consomem-se em seu próprio brilho, deixando apenas o sinal do que se perdeu. A terra o recebe. O silêncio segue — aquele silêncio clamante que engole os mortos e não oferece resposta.



Ele não soa em direção ao céu, mas através dele — desafiando magistralmente cada lei que prenderia um corpo mortal ao chão. O tremor da transcendência corre por ele, e por todos que testemunham. Seu grito não é triunfo, mas necessidade intensamente abrasadora: escalar, iluminar, alcançar a fração mais breve além do horizonte que os olhos mortais conseguem acompanhar. Seus pais se estendem para cima em galanteria desesperada, mas suas mãos ficam aquém. A distância entre a terra e o céu, entre a aspiração e seu custo, abre-se como um abismo. Em seu voo repousa a saga de todo artista que confundiu ilimitação com liberdade — que acreditou que o próprio esforço era salvação. O colapso estrutural não vem de fora, mas de dentro: a plasticidade mesma que tornou possível seu movimento ascendente torna-se seu peso petrificante. Ele não consegue descer. Não vai. O limite que se recusa a reconhecer torna-se a força que o derruba. Sua ascensão é indescritivelmente bela. E indescritivelmente fatal. Isto também estava escrito desde o princípio.



Helena permanece no limiar onde a forma clássica se dissolve em mito. Suas vestes capturam a última luz — não o resplendor extático da união, mas o brilho crepuscular da separação necessária. Fausto estende a mão, mas ela atravessa um ar que já começou seu retorno às costas jônicas. Ela não se vira em ira ou tristeza. Seu rosto porta a aceitação serena de uma beleza que conhece sua estação. Ao seu redor, a corte imperial se esvai, insubstancial — o grande excesso de ambição mortal se dissolvendo diante da ordem mais antiga. Sua partida não é abandono, mas restauração: o mundo visível liberando o que pertence ao mito, o que não pode ser retido pelo esforço ou pela cidadania deste reino. Fausto permanece preso à terra, diminuído, observando o impossível recuar com a graça da inevitabilidade. Neste momento, o custo do anseio se torna claro: não a perda do amor, mas a perda da ilusão de que o amor pudesse transcender sua própria natureza. Helena retorna à lenda. Fausto permanece com a consequência.



O chamado claro da breve ascensão de Euphorion esvaneceu-se. Faust permanece sozinho na câmara onde o menino-poeta queimou demasiado brilhantemente e caiu — onde o ideal mesmo provou ser mortal. O palco está despojado, quase improvisado em seu vazio, uma espécie de ruína arqueológica da maravilha. Ele não se move com urgência. Passeia pela sala incertamente, como alguém poderia fazê-lo através de um necrotério de sua própria criação. Sua mão toca a pedra onde o gênio infantil desapareceu e não há conforto no gesto — apenas a dor vivificante de ter presenciado algo indestrutível consumir-se em chamas. O anseio permanece, esplendidamente intacto, mas transformou-se. Já não é fome pela coisa em si, mas fome aguçada pelo conhecimento de seu custo. Aprendeu o que o cósmico permite e o que nega. Esta é a qualidade da luta afinal — não a bem-aventurança, mas a memória terrível e indestrutível da bem-aventurança.



A beleza o mantinha suspenso — mas apenas por um momento. Ele se afasta do rosto luminoso de Helena, da comunhão lânguida com o perfeito, e pivota em direção ao estuário além, rumo ao mundo grosseiro e enlameado da matéria e da criação. Ele vislumbrou o divino. Agora deve construir. Não há repouso na transcendência para quem se esforça. O arcabouço de sua ambição se reafirma — não mais apetite intelectual, mas algo mais cru: a fome de refazer a própria existência através da ação, da vontade, do sublime tecnológico de drenar pântanos e erguer cidades onde havia apenas pastagem. Eufóron jaz caído atrás dele — vítima do abismo entre a visão e a carne. A lanterna da contemplação se apaga. A batalha recomeça. Fausto avança, visionário e implacável, pronto para excel ou perecer na tentativa. Atrás dele, Mefisto segue com elegância aristocrática, sua nobreza demoníaca carismática e assombrada intacta, inteiramente insurpreendido por tudo isso.



Ele está de pé numa elevação de prado, seu olhar varrendo uma paisagem onde a terra encontra o céu num borrão de possibilidade. A corte imperial recua para a sombra — suas formas clássicas agora mera cenografia para uma fome mais nova. Diante dele estende-se território: pântano, lodaçal, relva paciente aguardando ser arrastada para a ordem. Sua mão se estende rumo ao horizonte com o gesto de um homem que esgotou a metáfora e agora exige consequência material. Isto não é mais o erudito inquieto que luta com forças invisíveis. Este é Fausto como comerciante da transformação — questionando o que a terra poderia render quando sujeitada à vontade e à engenharia. A luz cai cinzenta e uniforme, nem aurora nem crepúsculo: a iluminação do próprio trabalho, de projetos incumbentes aos vivos, de labor monumental que se estende além do amor, além do conhecimento, para além mesmo do pacto. A fome faustiana encontrou sua forma final, mais perigosa: não conhecer, não possuir, mas refazer o solo mesmo sobre o qual se assenta os pés da civilização.



Mapas e cartas dispersos sobre a mesa — grades de medição, limites traçados a lápis, a geometria da ambição tornada visível e dolorosamente literal. Ele transcendeu a torre do erudito, ultrapassou o tormento do amante, entrando num novo registro de aspiração: a conquista não de almas, mas da própria terra. A costa estende-se intocada, um baúble da natureza aguardando sua mão. Não há diálogo aqui — apenas o peso do comando, a sensação de estar no topo de um penthouse de poder olhando para baixo tudo aquilo que poderia ser resgatado, engenheirado, moldado para servir à vontade. O bisturi do agrimensor marca o mapa. A linha costeira vibra de potencial. O rosto de Fausto carrega a gravidade peculiar de um homem que cessou de pedir permissão e começou a eliminar todos os obstáculos. A escória da hesitação queimou-se. Apenas a fome permanece — vibrante, chocantemente clara, assustadoramente vasta. E atrás dele, Mefisto observa com inteligência inquietante, inteiramente desimpressivo e inteiramente cúmplice.